

Equipamentos Internacionalização da indústria nacional é resultado do impulso dado nas licitações

Demanda firme da Petrobras sustenta salto nos negócios

Cláudia Schüffner
De Rio

Poucas empresas no Brasil dimensionam tão bem o salto em inovação, tecnologia e, obviamente, produção de petróleo, que o país deu nos últimos dez anos como a ChemTech. Nesse período, a empresa especializada em projetos de engenharia viu crescer sua lista de clientes depois de conquistar, em 2001, um contrato para implementar software de "inteligência operacional". Ele permite visualizar em tempo real dados de 25 refinarias da ExxonMobil espalhadas pelo mundo.

Daniel Moczydlower, 34 anos, presidente da ChemTech, começou a carreira como estagiário em 1998. Desde então, viu a participação do setor de petróleo e gás no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro saltar de 5,5 % para 12% em uma década, segundo cálculo recente da Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip). Os últimos dados oficiais disponíveis, da Agência Nacional do Petróleo (ANP), param em 2006, mostrando uma participação de 10,6%.

Nos últimos dez anos, o faturamento da ChemTech cresceu de R\$ 20 milhões para cerca de R\$ 200 milhões por ano, segundo estimativas do mercado. Ela é um dos exemplos de empresas brasileiras que desenvolveram tecnologia e souberam surfar nas ondas do setor petrolífero. Cresceu e transformou-se, de 2000 até hoje, em grande parte empurrada pela intensa transformação do setor nos anos 2000, quando o país conquistou a autossuficiência da produção e assistiu ao agigantamento da Petrobras, contrariando temores de que

após a quebra do monopólio a estatal fosse "engolida" pelas companhias estrangeiras que passaram a atuar no Brasil.

Ao contrário, a Petrobras cresceu em todos os indicadores que se use como comparação: produção, valor de mercado ou reservas. "O fato é que a Petrobras ganhou uma eficiência que antes não tinha", afirma Haroldo Lima, diretor-geral da ANP e um ex-opositor ferrenho da quebra do monopólio.

Outro destaque foi o aumento da participação de empresas nacionais na cadeia produtiva do setor. A Lupatech é outra empresa que passou por um processo de crescimento e diversificação da atividade e tornou-se a maior companhia nacional de equipamentos e serviços para a indústria de óleo e gás. De 2000, quando assumiu o controle da MNA, uma tradicional empresa do setor de metalurgia que fabricava válvulas, até hoje ela aumentou o faturamento mais de quinze vezes, de R\$ 47 milhões para R\$ 627 milhões e o número de funcionários, que era de 573, chega a quase 3 mil.

A Lupatech tem 21 unidades industriais e produz equipamentos para operação em águas profundas não só no Brasil. A empresa forneceu cabos de ancoragem para a BP na África e válvulas para a Shell na Malásia. A oportunidade de internacionalização da indústria nacional é consequência do impulso dado ao conteúdo local nas licitações da ANP e nas compras da Petrobras. Isso pode ser visto no cadastro de fornecedores da Onip, que tinha 28 empresas há dez anos e hoje tem 1.979.

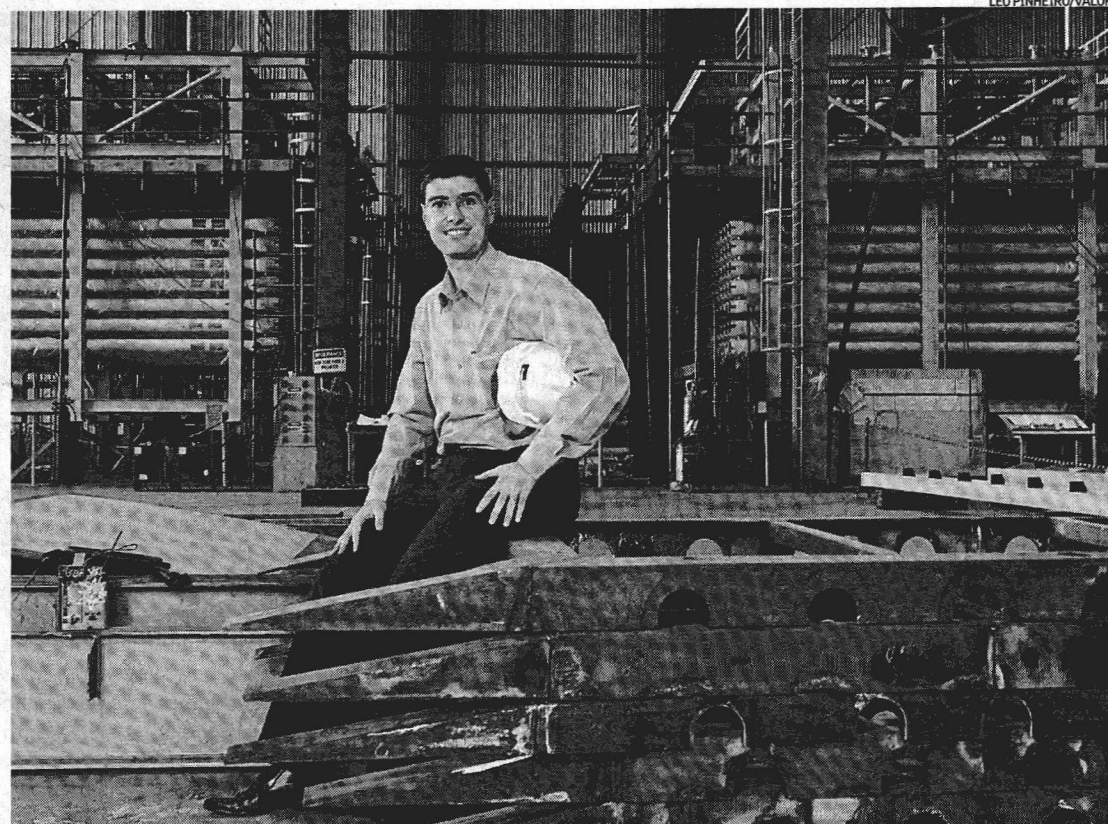
Elói Fernandez y Fernandes, diretor-geral da Onip, chama a aten-

ção para os investimentos em ciência e tecnologia, que em 2000 não podiam ser quantificados, já que o único dinheiro disponível vinha do orçamento do Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes) e hoje contam com recursos de R\$ 2 bilhões, metade destinado ao CT-Petro, fundo setorial da indústria de petróleo e gás constituído por parte dos royalties pagos sobre a produção, e a outra metade vinda das empresas que produzem em campos gigantes (que pagam Participação Especial) e são obrigadas a investir 1% do faturamento dessas áreas em ciência e tecnologia.

O grande avanço na produção é resultado de uma característica da indústria que trabalha com horizontes longos

Após a abertura do setor à participação estrangeira, que começou mais fortemente em 1999, com o primeiro leilão de áreas da ANP — antes a Petrobras tinha feito parcerias —, a produção de petróleo do Brasil saltou de 1,3 milhão de barris de petróleo por dia para 1,95 milhão de barris por dia, aumento de 60%. O país, que gastou US\$ 7 bilhões com importações de petróleo e derivados em 2001 para atender a um consumo de 1,85 milhão de barris por dia de combustíveis, entrou em 2010 com superávit em volume e exportando gasolina.

A tão sonhada autossuficiência foi alcançada em 2006. A Petrobras nesse período ampliou seus tentáculos. A internacionalização da estatal, que começou fortemente pela Argentina e Estados Unidos, foi



Daniel Moczydlower, presidente da Chemtech: faturamento passou de R\$ 20 milhões para R\$ 200 milhões por ano

ampliada com a presença da companhia em 25 países na América do Norte, América do Sul, Europa, Ásia, África e Oceania, através de algumas das 308 empresas que formam o Sistema Petrobras.

O número de empresas atuando no setor — em 2000 havia a Petrobras e outras cinco com produção incipiente — hoje é de 25 companhias. Empresas de grande porte, e não somente as pequenas, produzem petróleo e gás no Brasil e preveem aumento da produção.

A Shell produz nos campos Biju-pirã-Salema e no Parque das Conchas, na bacia de Campos, 117 mil barris de petróleo por dia. Dados da ANP mostram que a Chevron produz uma média de 21,6 mil barris por dia em Frade e a BP, que recentemente adquiriu ativos da Devon, passou a produzir através do campo de Polvo, 15,8 mil barris por dia em média, ambos na bacia de Campos. Todo o óleo extraído no mar pelas empresas internacionais é exportado pelas companhias, que só teriam como compradora no país a Petrobras.

Ainda vedete na produção nacional durante as últimas três décadas, a bacia de Campos agora divide as atenções e investimentos com a bacia de Santos, onde uma nova fronteira foi descoberta em 2007, quando foi possível perfurar através de uma barreira de sal com

2 mil metros de espessura até chegar ao gigantesco Tupi, no pré-sal. A descoberta deve colocar o Brasil entre os maiores produtores do mundo nas próximas décadas.

Para o presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, o grande salto na produção não foi resultado da abertura do setor, mas sim devido a uma característica da indústria que trabalha com horizontes muito longos. O executivo atribui o salto da produção na última década à entrada em operação de campos descobertos antes da Lei 9.478/97 (Lei do Petróleo) como Albacora (descoberto em 1984), Marlim (1985) e Roncador (1996). Este último detentor das maiores reservas do país enquanto Tupi não for declarado comercial.

Entre os principais destaques dos últimos dez anos, Gabrielli menciona a pulverização do capital da Petrobras, que colocou a ação da empresa na lista de mais negociadas da Bolsa de Valores de Nova York, a participação mais ativa da estatal nos leilões da ANP, o aumento da presença das empresas estrangeiras no Brasil e a recuperação da indústria de fornecedores da Petrobras tanto no que se refere à base naval como a de equipamentos para refino.

Elói Fernandez acha inegável que o marco regulatório de 1998 aumentou a eficiência do

setor, inclusive da Petrobras. "Ela se tornou mais competitiva interna e externamente. Mas o sucesso do modelo veio com o pré-sal. Isso é um processo histórico", destaca Fernandez.

No caso da ChemTech, em 2001 o contrato com a Exxon veio depois que a alemã Siemens comprou 51% da empresa, fundada em 1989, em Ipanema, por três engenheiros químicos. Se a primeira década de vida foi duríssima devido à semiparalisação da economia brasileira, hoje a empresa tem em sua carteira de trabalhos executados o projeto de automação da plataforma de rebombeamento autônomo (PRA-1), e o Front-End Engineering and Design (Feed) da plataforma P-57, só para citar alguns da cliente Petrobras.

Em 2007, a empresa ganhou a concorrência para o projeto básico da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, e no ano seguinte a do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). São projetos que estão entre os maiores do país nos últimos 30 anos. "Agora que estamos com estrutura grande no Brasil vamos precisar nos internacionalizar para captar projetos no exterior que serão executados aqui", afirma Daniel Moczydlower, presidente da ChemTech.